

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º 4 entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1114	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	600	120	<b>10 de Dezembro de 1909</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Posseções ultramarinas (idem).....	4\$600	2\$300	900	180		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	1\$250	250		



S. A. a PRINCESA VICTORIA PATRICIA DE CONNAUGHT  
(Fotografia de W. & D. Downey, de Londres)





## CHRONICA OCCIDENTAL

Estamos na quadra em que mais e melhor se festejam a união e a amizade na família. Não ha datas de anniversario natalicio, nem bodas de prata ou de ouro que tenham a comemorá-las uma tão intensa graça e encanto como estas festas de agora, que mais uma vez nos estão batendo á porta: o Natal e o Anno Novo.

A chronica vê começar a passar nas ruas da cidade os primeiros ranchos de perús, e no *glu-glu* d'elles se inspira. Nada de mais simples, nem mais inofensivo.

Disse um grande conhecedor da alma humana que o numero de impressões e de noções que todo o individuo normal recebe antes da idade dos quatro annos, excede em muito o das impressões e das noções que elle porventura vem a receber mais tarde.

Nessa primeira idade, em que o nosso ser completamente fresco recebe com o maximo de intensidade a impressão dos homens e das coisas, a creatura que ha de vir a ser o homem vive como envolvida pelo meio familiar. Impregna-se do seu ambiente, nutre-se da sua substancia, como um embrião se fórma no seio materno.

O factor mais importante na cultura dos caracteres e do espirito publico, que é uma resultante d'ella, é portanto o lar da familia. Se tudo se passar normalmente, o primeiro fruto da educação familiar é o respeito afetuoso dos filhos para com os paes. A base de tudo, o alicerce sobre o qual se construe o edificio humano não é mais do que esse sentimento. Se elle existe no homem ao principio do seu desenvolvimento, qualifica esse homem para toda a sua existencia, e será sempre observado na origem do seu modo de compreender a vida, de tratar os outros homens e as coisas.

A vida é uma tradição, que uma geração transmite á outra. Materialmente e moralmente, o lar da familia é o orgão d'essa transmissão. Se ella se faz bem, a herança que nos é legada pela canceira dos nossos antepassados é san e salva, e pôde augmentar-se com o nosso proprio esforço. E isto diz respeito tanto aos paes como aos filhos, porque é facil de prevêr o que acontecerá se os paes viverem de tal modo que os filhos os não possam honrar, ou se, por falta de juizo e de firmeza, os paes deixarem perder a indispensavel autoridade.

A melhor qualidade dos homens procede das familias em que os filhos crescem no respeito pelos paes. Os paes personificam a tradição, a lei, a ordem, a autoridade justa e precisa, a equidade afetuosa. Todo aquelle que honra seu pae e sua mãe está apto para todos os sentimentos que sustentam a humanidade. O culto dos avós, dos heroes, das recordações piedosas e das veneráveis tradições encontra no seu coração um terreno bem preparado. Nada ha de grande que o não sinta sempre pronto para lhe render o tributo da sua admiração; não ha lei, regra prudente e segura que elle não esteja disposto a seguir, nem acto de dedicação que elle não esteja pronto a realizar. Oferece-se á patria num sentimento filial, vai ao encontro dos seus concidadãos com um espirito fraterno.

Familia é palavra que tem já em si a expressão de amizade, união e mão dada. Na familia ha os laços do sangue e os do interesse; e a principal consequencia de todos estes factores, bem harmonizados, é o bem-estar de todos. Essa mão-dada, essa harmonia, dá força ao grupo, todos a têm conjuntamente para a luta da vida, e, quando é bem compreendida, enrija, torna-se poderosa a um alto ponto: os mais fortes lutam, os outros ajudam, e, no conjunto, não ha um que discorde.

E' então uma organização, um machinismo dinamico, uma engrenagem poderosa; e a familia, assim, chega a adquirir riquezas, conserva-as, augmenta-as, faz d'ellas elementos de felicidade. Vícios dão o logar a virtudes; a vaidade, a soberba tornam-se amor proprio; nenhum membro da familia quer ser ovelha negra no rebanho, cada um se esforça por merecer pertencer-lhe. Uns estimulam os outros; todos juntos, nadando em sóbras, prodigalisam, espalham beneficios; e quem vive em contacto com elles partilha, se d'isso se torna digno, do bem-estar que predomina na sua atmosfera.

Dois grandes familias, universalmente conhecidas, attestam tudo isto. Uma d'ellas é a familia Rothschild. Quem não ouviu ainda falar d'ella? Ninguem. Ha de haver uns cem annos, um allemão de Francfort, dotado de raro tino financeiro e favorecido por alguma felicidade, fez-se milionario, vindo a deixar (porque o dinheiro é coisa que ninguém leva consigo para a outra vida) uma

das maiores fortunas do mundo. Sabia elle que os milhões deixados são muitas vezes a origem de malquerenças, ciúmes, invejas, meios para desperdicio, para a libertinagem e para a dissolução. O homem trabalha e junta; o filho gasta e estraga, e o neto pede esmola. E' isto facto bem comum. Por isso Rothschild deixou, além dos muitos milhões, este conselho aos filhos: «Vivam unidos e trabalhem juntos.» E os filhos, os netos e toda a familia vivem unidos e trabalham juntos para o mesmo fim. Nenhum tem inveja do outro ser mais rico, as senhoras são os élos na familia, e os que entram de novo são enxertos, partilham da seiva do tronco, e trazem flôres e fructos melhorados.

Esta união modelo atravessou todo o seculo passado, e entrou neste seculo com tal organização e experiencia, que, como familia, não tem rival, como riqueza solida não tem par, e, como influencia, sabe-se que todas as nações vão dobrar o espinhaço nos escritórios dos Rothschild. De quantos usam e usaram este nome não se aponta um só que o não honrasse.

A outra familia não tem nome, não tem chefe, não tem centro. E', todavia, poderosissima. A sua força vem igualmente da união na vontade, da lealdade d'uns para com outros, da causa comum, da nenhuma inveja, da proscricção do ciúme, da cooperação, da afeição, dos laços de sangue; e os resultados de tal conjunto são um poder, uma organização como a humanidade nunca viu, como a historia nada aponta.

E' a familia reinante em quasi toda a Europa. São os monarchas, os reis, os imperadores das nações de maior vulto como das mais secundarias. São principalmente da linhagem real da Dinamarca e da Alemanha. O Imperador da Alemanha é neto da Rainha Victoria e sobrinho da Rainha de Inglaterra; o Imperador da Russia é cunhado do Imperador da Alemanha; o Rei da Grecia é cunhado do Imperador da Russia e sobrinho da Rainha de Inglaterra; o Rei de Portugal é primo do Rei da Italia, neto de D. Fernando de Coburgo Gotha, que por sua vez era primo do Rei de Inglaterra, pae do actual Rei Eduardo.

O mundo todo vê a prosperidade d'essa familia, a cordealidade que é emblema da sua união; e vê como todos os seus membros se ajudam, como se consideram, como se aconselham, como parece terem um patrimonio commum, independente dos seus bens proprios. O Imperador da Russia e o Rei da Grecia, pela importancia politica dos seus respectivos países, têm as proporções da ceara para o grão, mas, na familia, são eguaes. A Inglaterra, quando cá nos traz os seus couraçados colossos, põe gigantes ao lado dos poucos e pequenos navios portuguezes: entretanto, os reis dos dois países são eguaes, irmãos no trato, membros da mesma familia, leaes um para o outro, e d'esta cordialidade vem, na opinião de muitos, não pouca vantagem para Portugal.

Qual é a origem d'este estado de coisas relativamente tão feliz? Simplesmente isto: a compreensão exacta do que deve ser a familia, a mão-dada para o intento commum.

Ha verdadeiramente em Portugal este espirito de familia que tão bellas coisas consegue no dominio da força moral e da fortuna?

Verdade, verdade — não ha. Individualmente, nas familias predomina, d'uns membros para com outros, a hostilidade das situações deseguaes, sendo casos raros aquelles em que os irmãos ricos se não esquivam dos irmãos pobres; ha muito mais desamor do que afeição. Os tios não são parentes dos sobrinhos, os cunhados são quasi sempre elementos de discordia, as mulheres são principalmente origem da inveja e do ciúme, as partilhas envenenam as familias.

Mas não são as partilhas, nem os cunhados, nem a inveja das mulheres que modificam os laços de cordealidade na familia portugueza. O mal vem da sociedade, da má organização, do mau exemplo e sobretudo da politica e da partilha no orçamento — como tão engraçadamente commentava o espirituoso Gonçalo da Gama.

Vivamos juntos e trabalhemos unidos, como dizia o conselho do velho Nathaniel, que foi o chefe primeiro dos Rothschilds. Estimemo-nos e consideremo-nos. Sejamos generosos, virtuosos e leaes. Sejamos amigos. Sejamos irmãos!

JOÃO PRUDENCIO.

Quando uma mulher vos fala, repara e o que dizem seus olhos.

## S. A. a princesa Victoria Patricia

Desde que se annunciou a viagem de El-Rei D. Manuel a Inglaterra, principiou tambem logo a correr de boca em boca, que um dos fins dessa viagem, era ajustar o casamento do joven soberano com uma princesa da Gran Bretanha. Falava-se então que a princesa seria uma das filhas do duque de Fife, mas o governo portuguez, poucos dias depois de El-Rei partir, fez declarar, mais ou menos catagoricamente, que não se tratava de tal casamento.

Evidentemente era segredo diplomatico, e o espirito publico ficou suspenso sobre o caso.

Nos fins de novembro, porém, quando o sr. D. Manuel chegava ao termo da sua viagem, prestes a regressar a Lisboa, principiou de novo a circular a noticia de melhor informação, que de facto se tratava de casamento real e que a noiva era S. A. a princesa Patricia, filha do duque de Connaught. Mais se acrescentava que a noticia official seria publicada poucos dias depois da chegada de El-Rei, o que facilmente se comprehende, porque, emfim, Sua Magestade é que o ha de dizer, como o que mais interessa a sua coração.

Estamos comtudo convencidos, que o leitor que tiver seguido a viagem de El-Rei relatada nas correspondencias e telegramas publicados na imprensa, não precisará fazer grande esforço de prespicacia ou deitar-se a adivinhar, para perceber que a escolhida do nosso rei deve ser a princesa Victoria Patricia, se atentar que os duques de Connaught e suas filhas acompanharam sempre o sr. D. Manuel nos dias que esteve em Inglaterra e convidaram o soberano portuguez a varios almoços intimos em que Sua Magestade tomava logar entre a duquesa de Connaught e a princesa Victoria. O mesmo aconteceu no grande banquete de Windsor.

Não temos, portanto, grande duvida em acreditar na ultima versão da noticia do casamento real, e é muito possivel que quando estas linhas chegarem á publicidade, elle esteja oficialmente declarado.

Para satisfazer a justa curiosidade de nossos leitores, aqui lhe apresentamos o retrato de S. A. a princesa Victoria Patricia Helena Isabel de Connaught, que nasceu no palacio de Buckingham, em Londres a 17 de maio de 1836, contando, portanto, 23 annos completos de idade.

E' a terceira filha do duque de Connaught, Arthur Guilherme Patricio Alberto, setimo filho da falecida rainha Victoria e irmão do rei Eduardo VII, e que nasceu em 1 de maio de 1850, tendo casado em 13 de março de 1879 com a princesa da Prussia Luisa Margarida, nascida em 25 de julho de 1860.

O duque de Connaught gosa de grande importancia politica em Inglaterra, á qual não é indifferente este casamento, visto que nestes enlances reaes, sem deixar de atender quanto possivel ao coração, a diplomacia internacional tem sua parte importante.

Os duques de Connaught, acompanhados de suas filhas, estiveram em Lisboa, em 1905, de viagem para o Egipto. Demoraram-se uns 5 dias tendo sido hospedados no paço de Belem. Vieram a bordo do cruzador inglês *Essex*. Foram afetuosamente recebidos pela familia real, tendo havido banquete no paço em sua honra, assim como passeios a Cintra e a Cascaes, recitas em S. Carlos e em D. Maria, visitas a quartéis, ao Museu de Artilharia, etc., retirando-se os duques muito agradados da nossa capital.

Disse-se por esse tempo que a princesa Victoria Patricia seria a noiva do hoje malogrado principe D. Luis Filipe. Esta circumstancia vem em abono do presente, pois mais leva a crêr que de ha muito na alta diplomacia se pensava nesta aliança das duas casas reinantes.



## Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II ao estrangeiro

El-Rei D. Manuel ao deixar a Inglaterra fóram-lhe prestadas as mesmas honras officiaes que recebera á chegada, acrescentadas das inexcitaveis manifestações de simpatia que sempre o acompanharam por parte do povo inglês, o qual não perdeu occasião de saudar calorosamente seu real hospede.

A' partida de Londres para Dauvres, houve na



estação as despedidas a que compareceram os duques de Connaught, *Lord Mayor* e muitos altos funcionarios, ministro de Portugal em Londres com todo o pessoal da legação e grande numero de membros da colonia portugueza.

Em Dauvres foi El-Rei recebido pelo almirante principe de Battenberg, *mayor*, e a esquadra, que salvou a sua chegada. Uma força de infantaria de marinha fazia a guarda de honra. O sr. D. Manuel embarcou no *yacht* real *Alexandra* que o conduziu a Calais comboiado por dois contra torpedeiros, e depois da curta viagem de uma hora e quarenta minutos, chegava á primeira terra de França, onde o aguardavam as mesmas honras officiaes com que fôra recebido em Portsmouth, apesar do incognito guardado por Sua Magestade.

Assim que o *yacht Alexandra* atracou ao caes, foi a bordo o coronel Schlumberger, da casa militar do Presidente Fallières e por este nomeado ás ordens do soberano portuguez, ao qual apresentou os cumprimentos de boas vindas em nome do Presidente da Republica, apresentando em seguida ao monarca o prefeito de Calais, trocando-se os devidos cumprimentos.

Na *gare* marítima de Calais que estava decorada de bandeiras, foi oferecido a El-Rei um *lunch* a que assistiram tambem os srs. conde de Sousa Roza, nosso ministro em Paris, marquês de Soveral ministro de Portugal em Londres, o commodoro Palmer, o comandante do *Alexandra* e mais comitiva real.

Depois de curta demora, El Rei e sua comitiva dirigiram-se para a carruagem salão do Presidente Fallières, a mesma que dias antes o conduziu a Cherburg, e seguiu viagem para Paris, onde chegou á *gare* do norte ás 6 horas da tarde.

A estação estava toda enfeitada de bandeiras, trofeus e plantas decorativas. Uma força da guarda republicana a cavallo e a pé formava junta á estação, onde mais de 200 pessoas, a maioria da colonia portugueza em Paris, aguardavam a chegada estando tambem presentes os srs. Pichon ministro dos negocios estrangeiros de França, o sub-secretario de estado Mollard e o perfeito de policia Lepine. Ali se trocaram cumprimentos e El-Rei subindo para um automovel dirigiu-se para o Hotel Bristol, sendo calorosamente saudado pelo povo que o esperava fóra da *gare* e se postava pelas ruas do trajeto.

O Hotel Bristol, em Paris, tem por assim dizer, fóros de residencia real, pois é o preferido por todos os reis e principes que visitam a grande capital do mundo e ali acodem com frequencia. O rei Eduardo e rainha Alexandra lá tem estado quando ainda principes e depois de coroados; outro tanto aconteceu com El-Rei D. Carlos e rainha D. Amelia. A rainha de Italia, o rei de Espanha e a rainha Isabel, Leopoldo II, o rei Oscar, o imperador Alexandre III e quantos mais ali se tem hospedado, não falando n'essa multidão de principes que quasi diariamente visitam Paris, a maioria dos quaes no Hotel Bristol fazem sua residencia.

Só Paris pôde ter um hotel nestas condições, mantido por uma frequencia tão nobre, e por isso não admira o luxuoso das suas instalações e riqueza de seu serviço á altura das illustres personagens que hospeda.

Os aposentos destinados a hospedes reaes são, principalmente os do primeiro andar servido por uma escada independente com entrada especial, e por um elevador. Subida a escada entra-se numa ante-camara onde estão creados de ricas librés; segue-se a grande sala de recepção em estilo Imperio, com mobilia correspondente, não faltando ricos bronzes cinzelados nem bons quadros a oleo guarnecendo as paredes. Ao lado desta sala é a dos reis, em estilo Luiz XVI e comunicando com ella é o quarto real modernamente restaurado. Para outro lado ha um salão para os ajudantes das pessoas reaes, e quartos que lhes são destinados, com todas as comodidades e luxo, havendo ainda uma sala de jantar ricamente decorada e mobilada com extrema elegancia.

São estes os aposentos occupados pelo rei de Portugal e onde tem estado as principaes testas coroadas do mundo. Ali descançou o sr. D. Ma-

nuel durante o resto do dia da sua chegada a Paris, jantando na intimidade com as pessoas de sua comitiva, com o sr. conde de Sousa Roza e ministro dos estrangeiros sr. conselheiro Roma du Bocage, que deixou a capital franceza no dia seguinte de regresso a Lisboa, depois de ter ali passado alguns dias em conferencias com o governo francès a ultimar as negociações para um tratado de comercio.

No dia seguinte, domingo, 28, sahio o sr. D. Manuel ás 10 horas em automovel, e dirigiu-se para a igreja da Madalena onde foi ouvir missa. O povo que ali se encontrava fez-lhe uma afetuosa saudação, dando vivas ao rei de Portugal. Não houve nenhuma distincção no acto religioso, pois assim o havia recomendado El-Rei; a missa foi resada e só no fim, quando o celebrante deitou a benção ao povo, se virou tambem para El Rei, que se inclinou respeitoso.

Saindo da igreja da Madalena dirigiu-se o sr. D. Manuel para o palacio do Eliseu a visitar o Presidente Fallières. Nas imediações do palacio aglomerava-se o povo que entusiasticamente aclamou o rei de Portugal, e foi no meio dessas aclamações e do himno nacional portuguez, tocado pela banda do regimento que fazia a guarda de honra, que El-Rei se apeiou á porta do Eliseu onde era aguardado por mr. Mollard, capitão de fragata Langier e coronel Jaquillat da casa militar do Presidente.



CHEGADA DE S. M. EL-REI D. MANUEL A CALAIS

Foi cordealissima a recepção que Mr. Fallières fez ao rei de Portugal, conversando a sós, no salão dourado, cerca de uma hora, manifestando o sr. D. Manuel o desejo de cumprimentar madame Fallières, o que fez dirigindo-se á sala immediata onde se encontrava.

Retirando El-Rei ao Hotel Bristol, não tardou que o Presidente Fallières viesse retribuir a visita e convidar Sua Magestade para o banquete que nessa noite lhe oferecia no Eliseu.

O sr. D. Manuel recebeu depois as visitas de seus parentes o principe João de Orleans e os duques de Guise, em honra dos quaes ofereceu um almoço a que assistiram o tenente-coronel Schlumberger official da casa militar do Presidente ás ordens do rei de Portugal, e sua comitiva.

Ás duas horas, o sr. D. Manuel partiu para as corridas em Autouil, onde foi recebido pelo principe Murat, presidente, e que acompanhou o soberano portuguez á tribuna de honra, que domina o grande campo, e onde se encontravam membros da comissão das corridas e os duques de Luygnes e de Brissac.

Agradavelmente impressionado pelo belo espectáculo, o sr. D. Manuel apostou pelo *Stokes*, ganhando este, o que seguramente melhor o havia ainda de impressionar, no meio da alegria e do entusiasmo que este divertimento desperta, mais alegre e mais festivo ainda, pelas ruidosas aclamações com que os espetadores saudavam o monarca, tão simpatico e atraente.

Ás oito horas era o banquete no Eliseu, e El-Rei ali foi recebido com todas as honras officiaes,

apesar de, como dissemos, guardar o incognito e só se apresentar como duque de Beja.

Esse banquete teve todos os atractivos de uma festa principesca, apresentando-se Mr. Fallières a receber o monarca, com a gran cruz da Ordem portugueza da Torre e Espada.

Foi cordealissimo o brinde que o Presidente da Republica fez a El-Rei D. Manuel, o qual lhe correspondeu nos termos mais afetuozos, terminando por brindar á França amiga de Portugal, como o Presidente brindara a Portugal amigo da França.

Depois do banquete houve concerto por artistas da Opera Comica, assistindo grande numero de convidados, além do ministerio, estando tambem o antigo Presidente Loubet, com o qual o sr. D. Manuel mais se demorou em conversação.

O dia de segunda-feira, passou-o El-Rei em passeios por Paris, a visitar a galeria de bronzes Hebrard, em ir a Versailles, onde foi recebido por Mr. Dejardin-Beaumetz, conservador do museu e sub-secretario de estado das Bellas-Artes, o qual acompanhou o monarca na visita a todas as salas e capela. Em Versailles recebeu os cumprimentos do *mair*, que recordou ser aquella terra berço de seus maiores e que muito se honrava em receber a sua visita.

Á noite foi o sr. D. Manuel á Opera na qual se cantava o *Fausto* e onde teve uma recepção surpreendente por parte da gema aristocratica e elegante de Paris, que o aguardavam á entrada e que repetiu calorosamente quando El-Rei assomou ao camarote.

Foi uma diversão agradabilissima a caçada em Rambouillet, oferecida pelo Presidente Fallières e á qual acompanhou Mr. Briand, chefe do governo.

A *gare* de Rambouillet estava ornamentada e as ruas por onde passou o cortejo, tambem. O *mair* apresentou as boas vindas a El-Rei recordando que havia cinco annos Rambouillet tivera a honra de receber a D. Carlos I, honra que se repetia agora com a visita de D. Manuel II. Sua Magestade agradeceu as palavras do *mair*, e disse-lhe que de facto seu pae muita vez lhe falara em Rambouillet, de que conservava gratas recordações.

Chegados ao Castello, houve almoço na grande sala onde estava posta a mesa com aprimorado gosto, sobresahindo as flores em grande quantidade em que se destacavam uns lindos cravos vermelhos, aos quaes o floricultor teve a galanteria de dar o nome de *Manuel II*.

No fim do almoço, El-Rei pediu desses cravos de que ofereceu um ao Presidente Fallières, outro a Mr. Briand, outro a Mr. Pichon, collocando tambem um na sua botocira.

A caçada foi animadissima para o que basta saber que foram mortas 639 peças de caça entre faisões, perdizes, coelhos, etc.

Deu-se aqui o caso interessante do sr. D. Manuel receber uma carta nos seguintes termos:

«Sou uma creança. Meu pae é velho e está muito doente. Sabendo que vossa magestade vae hoje caçar, peço-lhe que me dê algumas peças abatidas.»

Escusado será dizer que o signatario da carta foi atendido, com grande aprasimento do sr. D. Manuel.

Na quarta-feira, 1 do corrente, era a vespera da partida para Lisboa, e El-Rei não queria deixar Paris sem ver o Museu do Louvre, onde se guardam preciosas obras de arte.

Logo de manhan dirigiu-se ao Louvre o soberano portuguez onde foi recebido por Mr. Dejardin-Beaumetz, diretor do museu das artes decorativas e museu Carnavalet.

Quando El-Rei sahio da visita a estes museus, foi alvo de calorozas ovações dos operarios que saham ao meio dia das suas officinas.

Neste dia houve almoço na legação de Portugal, onde depois El-Rei deu recepção á colonia portugueza.

Na manhan de quinta-feira, antes da partida, visitou ainda o sr. D. Manuel, a clinica do dr. Rotschild, onde percorreu demoradamente todo o estabelecimento. Depois de almoço, visitou os du-



## Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II, ao Estrangeiro



## A CAÇADA EM RAMBOUILLET

EL-REI D. MANUEL, ACOMPANHADO PELO PRESIDENTE MR. FALLIÈRES, M. M. BRIAND, PRESIDENTE DO CONSELHO, PICHON, MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, E RUAU, MINISTRO DA AGRICULTURA.

ques de Alençon e de Chartres, e depois foi aos bairros do *Faubourg*, onde viu as novas casas operarias que muito o interessaram, sendo agrupadas ás dez habitações em volta de um jardim, tendo lavadouros comuns assim como cosinhas, enfermarias, creches, etc. Visitou ali algumas familias e beijou duas lindas creanças, o que im-

pressionou muito todas as pessoas, e dentro em pouco o sr. D. Manuel recebia as mais entusiasmaticas ovações que por ventura o acompanharam na sua viagem triumphal nos países que percorreu.

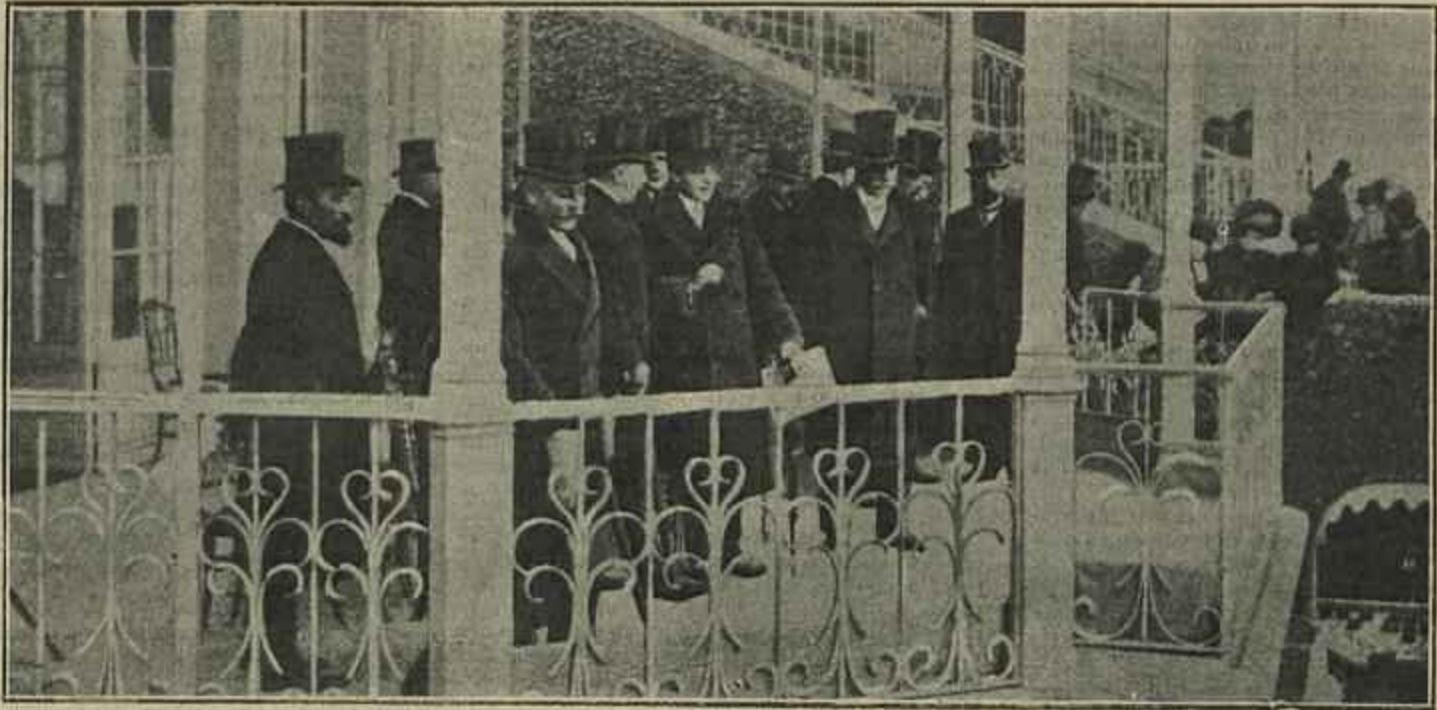
Foi sob as mais gratas impressões que no dia 2 o monarca portuguez deixou Paris, onde delirantemente o vitoriam até á partida.

Não lhe foram regateadas aclamações no seu regresso á patria, e por todas as terras por onde o comboio real passou, quer de noite quer de dia, o sr. D. Manuel foi saudado pelo povo num grande desejo de lhe manifestar todo o amor que lhe dedica, e todas as simpatias que desperta.

A recepção em Lisboa foi imponente, e inutil



## Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II, ao Estrangeiro



S. M. EL-REI D. MANUEL NA TRIBUNA DE HONRA ASSISTINDO ÀS CORRIDAS, EM AUTOUIL



REGRESSO A LISBOA — S. M. EL-REI D. MANUEL SAHINDO DA ESTAÇÃO CENTRAL DO RÓCIO



seria aqui frisar o entusiástico acolhimento feito ao joven monarca, que todos presenciaram e nelle tomaram parte, se não nos corresse o dever de nestas paginas o registrar, como repositório da historia.

Não é muito que os portuguezes saudassem tão carinhosamente o seu rei, quando os povos de nações estrangeiras o receberam com as maiores provas de simpatia manifestada nas ovações que lhe fizeram, secundando os seus governos na gentileza e honras que lhe prestaram. Toda a imprensa de Espanha, de Inglaterra e de França, dirigiu a El-Rei D. Manuel saudações, inaltecendo as qualidades do soberano portuguez e quanta simpatia inspirava a sua presença a par do respeito que lhe tributava pelas circumstancias excepcionaes, em que tão novo subira ao trono, e não hesitara em tomar o pesado cargo de rei.

Essas nações e a sua imprensa não ocultaram a surpresa que tal facto lhe produzia, vendo um rei tão novo e que revelava, em tão verdes annos, vastos conhecimentos como muitos depreenderam de sua conversação com individualidades respeitaveis por seu saber, e que não tiveram duvida de o confessar nos jornaes do seu país.

Tantas deferencias com que o monarca portuguez foi recebido nas nações que visitou, não podem deixar de desvanecer corações portuguezes, porque se refletem na nação de que El-Rei D. Manuel é o chefe, neste lindo país, como lá lhe chamaram.



## O Trophéu de Xadrez Luzo-Britannico

(Que triumphal a S. M. El-Rei D. Manuel II, enviada por A. Ansur para o Castello de Windsor, no intuito de celebrar o dia 15 de novembro de 1909)

Com salvas de artilheria  
Que O saudem Terra e Mar!  
Saúde-O com ufania  
O Povo inteiro a exultar!  
Saúde-O quanto é formoso,  
E Lhe recame de goso  
Todos os passos que der!  
Jardim hoje seja o Paço!  
Cantem-nO as pombas no espaço!  
Leia no Ceu: Bem me quer!

Saudai-O, saudai-O,  
Bandeiras a tremular!  
No amor não haja desmaio!  
Ribombem vivas no ar!  
Tanjam alegres os sinos,  
Por Dum Manuel, grandes hymnos!  
Cantae-O bem! Ora, sus!  
De esplendidas claridades,  
Aldeas, Villas, Cidades,  
A jorro espadanae luz!

### Telegramma

Windsor Castle, 18, 4,50 post meridiem. Alfredo Ansur, Lisboa. Sua Magestade El-Rei agradece muito os seus parabens e versos.

(assignado) MARQUEZ DE LAVRADIO.



## A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

### CAPITULO XVIII

(Continuado do n.º 1112)

Em 1770, conservavam-se os mesmos moradores com um augmento fabuloso de criados no total de trinta e dois incluindo um cozinheiro italiano, que dava uma certa distincção e indicava a opulencia dos proprietarios. No seculo XVIII ter um cozinheiro italiano, era o que havia de mais chic.

N'este anno, já tinha falecido José Francisco. Em 1789, vemos outro membro da familia occupar o palacio. Refiro-me a Joaquim Ignacio da

Cruz. No rez do chão, creio eu, estava nesse anno, sabem o quê? a roda dos engeitados. A miseria no palacio de um grande!

Depois deste anno parece que a familia dividiu entre si, amigavelmente, o enorme casarão. Joaquim Ignacio passou a viver na parte do lado do Rato e a viuva de José Francisco na parte que tornejava para a travessa. No anno de 1796 era nesta parte que estava a Roda.

Chegamos a 1803 e vemos Joaquim Ignacio alugar o seu quinhão, por 508000 réis, a um Theotónio da Silva e a viuva fazer o mesmo, por 5508000 réis, a João Antonio Palmeiro. Na sobreloja com entrada pela rua da Fabrica da Seda, morava Joaquim Guilherme da Costa Posser — official da secretaria da marinha, cavaleiro de Cristo e fidalgo da Casa Real.

Em 1813 habitava-o outra vez a viuva de José Francisco; em 1824, por alugel, o conde da Louzã e Theotónio José da Silva e em 1833 o mesmo conde e D. Maria da Piedade de Lacerda; aquelle pagava 8008000 réis e este 2928000 réis (1).

Por falecimento de João Francisco da Cruz Alagôa, herdeiro do palacio, procedeu-se, em 26 de agosto de 1835, pelo juizo de par da freguesia de S. Mamede, ao inventario dos respectivos bens (2).

Obrigado pelas circumstancias, e por deliberação do conselho de familia, poz-se em praça o palacio com as suas cocheiras, cavalariças, palleiro e quintal. Parece que não appareceu comprador porque em 23 de janeiro do anno seguinte voltou á praça a requerimento do curador dos órfãos e ainda outra vez em 16 de maio desse anno.

Quem foi o comprador, se o houve, não sei; nem sei tambem dos donos posteriores da propriedade.

Hoje pertence á viuva Vaz Monteiro que a habita em parte, alugando o restante, que é muito, a diferentes inquilinos.

A ermida fica do lado do Rato, em continuação do palacio. Sobre o portão de entrada tem janelão gradeado na altura do andar nobre e sobre elle um mezanino em seguimento das janelas de peitos do segundo pavimento.

E' da invocação de Nossa Senhora da Conceição e possui dois paineis da Virgem: um sobre o altar e outro na parede do lado da epistola. O primeiro é do pincel de Joaquim Manuel da Rocha, muito bem pintado na opinião de Cyrillo Volckmar e o segundo parece-me mediocre pintura.

Aos lados do altar existem duas portas pequenas que communicam com a sacristia, e superiores a ellas, sobre peanhas de madeira, duas imagens em vulto de Santo Antonio e S. Sebastião.

A capela-mór é separada do corpo do templo-sinho por uma teia de madeira. Tem um côro sobre a porta de entrada, com um piano organ. As paredes, a imitar marmore, são cobertas de ornamentos de estuque e o tecto, que é tambem estucado a branco sobre fundo azul, contem diversas alegorias religiosas. Guarnece as paredes um rodapé alto de azulejo ordinario.

• • •

Os Cruzes Alagôas possuíam tambem, atinente ao palacio, uma vasta propriedade rural com serventia pelo largo do Rato, que sempre trouxeram arrendada a fazendeiros. Em 1817, rendia 7008000 réis annuaes.

Fronteira á sua residencia e pegada com o jardim da casa Palmella, possuíam igualmente outra moradia que, em 1796, estava alugada á Superintendencia das Aguas Livres e em 1810 ao desembargador Jacinto Antonio Ferreira Nobre (3).

Na rua das Fabricas das Sedas (antigamente chamada rua da Fabrica do Pombal) eram da mesma familia as dez moradinhas de casas para fabricantes de seda, das quaes oito ainda hoje conservam o aspecto primitivo. Em 1814, porém, já pertenciam a diversos individuos, por successivas vendas. Tinham sido construidas por José Francisco da Cruz. A vendedora foi a sua viuva D. Anna Joaquina Pacheco Alagôa.

Já que falei na casa Palmella, direi o que se souber desta notavel residencia.

(Continúa.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

## A casa submarina

POP

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1113)

Nem mesmo no theatro, vi nunca decoração mais bonita, que a d'aquelle bosque silencioso, com os seus terrenos cobertos de erva e as suas manchas de luz phantastica e maravilhosa.

Era mais que bonito, era deslumbrante! Por isso não admirava que por longo tempo nos conservassemos silenciosos e contemplativos.

Temíamos talvez dizer uns aos outros o que pensavamos, quando Peter falou por fim, e o som da sua voz sobresaltou-nos como se fôsse a de um extranho chamando-nos de repente.

— Ali — exclamou com a sua voz rouca — ali capitão, que é aquillo? São homens vivos ou mortos? Ou os meus olhos me enganam?

Detive-me ao ouvir estas palavras e os outros fizeram o mesmo.

Encontravamos-nos então no meio de um barranco, que nos encobria o horizonte.

Grandes arvores estendiam as suas ramadas formando uma abobada sobre as nossas cabeças; a erva era branda e espessa; a extranha luz violeta dava tons maravilhosos aos arbustos em flôr que tinhamos em volta.

Apezar do maravilhoso quadro, todos quatro estacamos pallidos de espanto.

E' que sobre a verdura haviam três homens dormindo e via-se perfeitamente o rosto de um d'elles.

Estava deitado de costas, de mãos fechadas e membros rigidos, olhos extremamente abertos como se lhe tivesse apparecido um phantasma que o aterrorisasse. Dos outros, um conservava-se de bruços, o outro estendido em posição natural, pareceu-me morto.

Contemplei-os um pedaço porque o dos olhos abertos, dava de vez em quando, em sonhos, uns gritos de desespero, e o segundo começava a pronunciar umas palavras soltas como se estivesse delirando.

Falava hespanhol, uma lingua que não percebo. Mas pareceu-me que-essas palavras eram de angustia e acabei por me retirar d'aquelle sitio, pois não podia assistir impassivel áquella scena.

— Estão dormindo — disse — e não lhe seria de proveito nenhum despertar-os. Miss Ruth disse a verdade. Vamos, rapazes, vamos até á praia e quanto mais depressa, melhor.

Peter Bligh que caminhava titubeando e fazendo êsses, começou a falar incoherentemente, coisa que nunca o tinha visto fazer.

— Estão dormindo, sim, mas qual será o seu despertar? N'uma casa de doidos ou na sepultura? Ruth Bellenden falava da loucura da ilha, e parece-me que tinha razão. Lá em cima tinhamos ar, mas aqui... estas plantas, são bonitas, são... mas para que servem?... Uma vez andei só n'um dia, quarenta milhas, e não sentia o cansaço que sinto agora.

Assim falava aquelle valente, sem que nenhum de nós prestasse maior attenção ás suas palavras. Eu tinha enlaçado fortemente com o meu braço, a Dolly Venn, porque o pobre rapaz estava fraco e nervoso, e receava que elle ficasse para ali caído.

Seth Barker, sempre robusto, caminhava por entre o matagal, quebrando os arbustos como um elefante na sua passagem.

— O bosque — dizia eu commigo — não nos pôde apresentar um espectáculo tão horroroso como o que vimos no barranco.

(1) Livros da Decima, já citados.

(2) *Diário do Governo* de 2 de dezembro de 1835.

(3) Citados livros da Decima.



Mas enganava-me nos meus calculos, porque não tinhamos andado um quarto de milha, quando nos encontramos nos jardins do bungalow, e ali, em monte, estavam cinco raparigas indigenas, que me pareceram pertencer pelos traços, ás ilhas do Pacifico, e que vistas á luz phantastica da lua, através do nevoeiro, eram tão formosas e seductoras como se fossem europeias.

Dormiam, sem duvida, mas ao contrario do que succedia com os homens; as mulheres estavam tão immoveis, que se poderiam tomar como mortas, e só o rosto sorridente e a respiração, revelavam que ainda tinham vida.

Comtudo, não denotavam soffrer, o que era já uma certa consolação.

— Olha para ali, Dolly, e diz-me o que vês — disse eu, não sem grande trabalho, pois me custava tanto a falar como se tivesse levado um sóco no estomago. — Vê essas cinco raparigas dormindo tão bem, como se estivessem nas suas camas. Não é um espectáculo bonito? E se ellas resistem perfeitamente ao somno da ilha, porque não resistiremos nós, que somos homens fortes e estamos acostumados e avigorados pelo ar do mar? Animo, rapaz, que breve chegaremos ao porto!

Escusado será dizer, que eu proprio não cria no que dizia e Dolly ainda menos.

Mas nem que o puzessem a tormentos, seriam capazes de o fazer confessar a verdade do que sentia.

Era um valente, e n'aquella noite deu provas d'isso.

— Mais vale deixar-me aqui, capitão — disse elle — sou lastro demais na lancha. E' melhor que vá com os nossos companheiros até á praia. Talvez o *Cruzeiro do Sul* já tenha chegado. Tem sido muito bom para mim, capitão Begg... agora... adeus... adeus...

— Se vaes dormir um somno grande, desejo-te bom appetite quando acordares, para o almoço d'amanhã. Já ouviste alguma vez dizer que eu tinha um bocado de força, Dolly? Pois vou levar-te ao colo como se fosses um feixe de pennas, e conduzir-te... Sabes aonde? A casa de Ruth Bellenden!...

Dolly nada respondeu e deixou-se pender nos meus braços como se fosse uma creança.

Peter Bligh cahira de cabeça para baixo contra a porta do bungalow e Seth Barker começava a delirar.

Custou-me bastante trabalho fazer-lhe comprehender as minhas palavras, mas sempre as comprehendeu e fez o que eu lhe mandava.

— Abre essa porta com a tranca que tens na mão, se o não podes fazer d'outra maneira. Mas abre-a depressa, homem!

Poz-se direito, deu um passo á rectaguarda e descarregou uma bordoadá tão forte na porta, que teria derrubado a chaminé d'uma fabrica.

Precipitei-me para a casa com Dolly Venn nos braços e ao mesmo tempo gritei a Seth:

— Por Deus, ajuda Bligh! Mette Bligh para dentro de casa e colloca outra vez a porta no seu logar, porque de contrario, o nevoeiro invadirá a casa em cinco minutos, e então não sei o que será de nós. Ouves-me, Seth Barker, ouves-me?

Perguntei isto gritando, uma vez que não havia motivo para falarmos em segredo.

Mas não foi Seth Barker quem me respondeu.

Imagine-se a minha surpresa, quando uma luz brilhante me deu de repente na cara, e uma voz agradável me disse em tom cortez, ainda que um pouco cheia de vivacidade:

— Fechem a porta, fechem a porta, sim! se tem n'alguma conta a sua vida, e a minha.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

## A catechese e civilização Dos INDIOS NO BRAZIL

POR

Norberto Jorge

No Congresso Brasileiro de Geografia que, em setembro deste anno se reuniu no Rio de Janeiro, concorreram importantes trabalhos concernentes aos fins do congresso, em que se destacaram principalmente as memorias sobre: *O Indianismo no Brazil* do sr. dr. Nelson de Senna e *A catechese e civilização dos indios no Brazil*, do sr. comendador Norberto João Antunes Jorge.

Desta ultima memoria foi nos oferecido um exemplar pelo seu autor com uma penhorante dedicatória, que muito agradecemos, e da obra vamos dizer o que sua leitura nos suggeriu.

E' ainda hoje importante a existencia de povos indios no Brazil, o que á primeira vista nada era para admirar visto serem nativos do país, mas que não deixa de surpreender quando consideramos que ha quatro seculos o europen principiou a colonisar o Brasil e a invadir o seu territorio desbravando o e exterminando os seus indios.

Pela citada memoria do sr. dr. Nelson de Senna, existem cerca de quatrocentas e cincoenta tribus, grupos e nações selvagens no Brazil.



COMENDADOR NORBERTO JORGE

Em 1858, encontravam'o nos viajando a negocio em Minas Geraes, quando fomos surpreendidos por um bando de selvagens que vinham do sertão roubar comestiveis, etc., ás povoações. A nossa caravana constava de quatro homens, dos quaes o mais novo era eu, que apenas tinha 15 annos, dois capangas ou guias, quatro carregadores, e quatro cavalos em que montavamos. Seguimos caminhos em que nalguns pontos mal se avançava a um de fundo durante dezenas de kilometros, pois não havia ainda linhas ferreas.

O bando surpreendeu nos a certa distancia pelo rumor que fazia, dando só tempo para nos escondermos, conforme podémos, entre o mato, que por fortuna era no logar menos cerrado, e aprestámo-nos com as nossas carabinas para a defeza. Não passou, porém, de susto, porque o bando dirigiu-se para o lado opposto do nosso refugio, e de ali vimos passar uns cincoenta ou sessenta indios, parte delles carregados de provisões.

Por estas e por outras é que em geral no Brazil se atria aos indios como a feras, e no livro que acabamos de ler se encontram bastas referencias a estes tristes factos.

Tem sido um grave erro tratar assim os selvagens, que de resto não são de má indole, como logo o reconheceram os primeiros portuguezes que aportaram a Terras de Santa Cruz, achando-os trataveis e até docéis. Eu conheci no Rio de Janeiro alguns indios semi-civilizados e que eram boas creaturas, e por isso acho justissimo o brado que o auctor d'*A catechese e civilização dos indios no Brazil* levanta com esta sua memoria a favor dos pobres selvagens e contra a guerra que os colonisadores lhes fazem, ao abrigo das leis.

O sr. comendador Norberto Jorge, que é tambem diretor-proprietario da revista *Vera Cruz*, publicada em S. Paulo, demonstra na sua memoria, citando a opinião de autores nacionaes e estrangeiros, quanto era mais proveitosa a cate-

chese catolica com que os padres da Companhia iam civilizando os indios no Brazil, até á sua expulsão pelo Marquês de Pombal.

Muitos são os argumentos e citações que produz para reforçar a sua opinião, demonstrando os beneficios que esses padres fizeram, em que não se deve esquecer o celebre missionario portuguez Manuel da Nobrega Anchieta, e as vantagens que ainda hoje se poderiam colher das missões catolicas, como o meio mais manso e persuasivo de trazer aquelles pobres selvagens á civilização, trocando-lhe a flecha e o arco pela enxada e picareta.

São braços nativos cheios de força, em seu natural clima aptos a maior resistencia para os trabalhos rudes do arroteamento da terra, ou para o manejo das armas, quando para outros mysterios não servirem.

Quanto não concorreriam assim para a riqueza do seu país. Mas nem só de trabalhos rudes se trata, e na obra dos missionarios se encontra bom exemplo do que praticavam. Escolhiam elles dentre as povoações selvagens as creanças mais espertas e intellegentes para educarem em estudos mais elevados, e dessas deviam sahir os magistrados, os padres, os homens superiores, e assim formavam as *Republicas Christians* com todos os elementos proprios.

Nesta ordem de ideias o autor da memoria apresentada ao Congresso Brasileiro de Geografia, onde sabemos ter sido muito apreciada, insta por que os governos do Brazil voltem suas atencões para este importante assunto, auxiliando as missões catolicas em vez de os querer civilisar pela força das armas.

Adotadas as missões catolicas ellas produziãnum periodo bem curto resultados praticos, se atendermos principalmente á influencia que ellas podem exercer nas creanças, que tornaria homens civilizados e aptos a entrarem no convivio social.

Falta-nos o espaço para mais nos alongarmos na apreciação da memoria do sr. comendador Norberto Jorge, mas basta dizer que raro temos visto em livro de pouco mais de 80 paginas incluindo prefacio, assunto tratado com tanto fundamento.

CARTÃO ALBERTO.



## O MEZ METEOROLOGICO

Novembro 1909

*Barometro.* — Max. altura 769<sup>mm</sup>,6 em 24.  
Min. > 743<sup>mm</sup>,9 em 16.

*Termometro.* — Max. altura 19<sup>o</sup>,4 em 19.  
Min. > 5<sup>o</sup>,0 em 29.

*Chuva* — 237<sup>mm</sup>,4 em 8 dias

De 5 a 22, a capital foi inundada com chuvas torrencias. De ha tres annos, o mez de novembro tem batido o *record* das chuvas, excedendo ainda este anno a quantidade observada em 1907 (230<sup>mm</sup>,1). Poucos mezes de novembro teem tido uma altura pluviometrica superior á deste anno. Eis, desde 1855, os mezes de novembro mais chuvosos do que o actual:

Em 1858 — 401<sup>mm</sup>,3  
Em 1876 — 251<sup>mm</sup>,1

*Nebulosidade.* — Céu limpo ou pouco nublado 4 dias.

> Nublado 19 dias.

> Encoberto 7 dias.

*Vento dominante* — NW.

*Nevoeiro* — Em 4, 5, 6 e 8.

*Trovoadas* — Em 8 e 19.

*Torvões* — Em 16 e 19.

*Relampagos* — Em 16, 17 e 20.

*Granizo* — Em 12.



**Arte, Literatura e Viagens**, por Olga Moraes Sarmiento da Silveira — Livraria Central, Gomes de Carvalho, editor, Lisboa. Um volume de 138 paginas em 8.<sup>o</sup>

O nome da autora é já uma recomendação para o livro, pois é dos mais distintos entre os das escritoras portuguezas do nosso tempo.

A sr.<sup>a</sup> D. Olga Moraes Sarmiento da Silveira dedica este seu trabalho a Juliette Adam e aos Condes de Valençães.



Nos 18 capítulos de que se compõe o livro trata em elegante prosa de fina critica os seguintes assuntos de artigos publicados e agora reunidos em livro: *Vida Artistica* (Tristão e Isolda) — *O desenvolvimento fisico no sexo feminino* — *Clémence Royer* — *Concertos historicos* — *O problema do Feminismo* — *Atravez da Espanha* (Santa Tereza) — *Uma grande individualidade artistica* — *O pão e as rosas* (versos de Affonso Lopes Vieira) — *Necessidade d'um dictionario da lingua portuguesa* — *Madame Juliette Adam* — *Atravez da Italia* (Pompeia) — *O teatro popular* (sua origem e fins que devem atingir) — *Atravez da Espanha* (no Escorial) — *Matinas* — *A mãe e a sua influencia no desenvolvimento do filho* — *Max Nordan* — *Condessa de Proença a-Velha* (M. Grislade) — *Nota final*.

## Teatro da Trindade



SONHO DE VALSA — 1.º ACTO, CENA DO CORTEJO

Apresentamos hoje em photogravura a principal cena do 1.º acto d'esta lindissima opera-comica, que Strauss illuminou com o seu talento musical. A peça foi posta em cena com um luxo extraordinario, pela empresa Taveira, e traduzida do alemão pelos srs. Xavier Marques e Ernesto Rodrigues, os quaes muito concorreram para a boa aceitação que ella obteve do publico. Todos estes predicados fizeram com que o Sonho de Valsa se conservasse no cartaz até hoje, mas esperamos que se conservará ainda por muito tempo.

Annuario da Universidade de Coimbra. — Anno letivo de 1908-1909 — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1908.

Mantém as honrosas tradições dos antecessores e insere as alocuções e discursos por ocasião

e por elle se vê a importancia dos serviços que tem prestado á instrução nacional.

Este annuario é illustrado com gravuras representando o edificio da escola e suas dependencias.

da visita do actual chefe do Estado áquelle estabelecimento de instrução superior, bem como a primorosa Oração de Sapiencia, recitada pelo lente de mathematica, dr. Sidonio e o elogio Historico de El-Rei D. Carlos pelo lente de direito, dr. Calisto, inserindo igualmente o elogio funebre do mesmo soberano pelo lente de teologia, dr. Alves dos Santos.

Annuario das Escolas Normaes do Porto — 1882-1909 — Porto — Tip. a Vapor da Empresa Literaria Tipografica — 1909.

E' o primeiro publicado após a fundação do notavel estabelecimento,

## E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e crianças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de comissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22



Deposito das afamadas rendas de Peniche

## Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

## ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funcções do estomago e dos intestinos. Está officialmente analysada.

DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso 6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

## Collegio Francês \* Instituto primario e secundario

Auctorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrução primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto instalado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)